

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FILMAR: PAISAGENS LITERÁRIAS E MARÍTIMAS
26 de março de 2024

CABO VERDE: SÃO VICENTE, SANTO ANTÃO / 1961

um filme de Raquel Soeiro de Brito

Cópia: Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, DCP (digitalização 2K de um positivo mudo reversível de 16mm conservado pela Cinemateca. O tratamento digital da imagem foi feito pela Cinemateca em 2023, usando uma cópia preservada pela Cinemateca em 2001 como referência; trabalho efetuado no âmbito do projeto FILMar – Digitalização do Património Cinematográfico), cor, sem som / **Duração:** 9 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE / 1989

um filme de ANTÓNIO FARIA

Realização: António Faria / **Argumento:** António Faria, adaptado do romance homónimo de Manuel Lopes / **Fotografia:** João Rocha / **Direcção de som:** Mário Garcia / **Cenografia:** Manuel Figueira / **Música:** Vasco Martins / **Intérpretes das canções:** Paulino Vieira, Toi Vieira, José António / **Montagem:** Maria Beatriz Henriques / **Consultores:** Moacir Rodrigues, Deolinda Domingos / **Interpretação:** Carlos Alinho (José da Cruz), Arciolinda Almeida (Zepa), Jorge Vera Cruz (Leandro), Manuela Santos (Libânia), Eliana Lima/Nanni (Aninhas), Renato Andrade (rapaz da montanha), José Pedro Bettencourt (Saltapedra), Vítor Cansado (Dono da loja), José António Centeio (Pipi), Eloísio Delgado (Capataz), Manuel Estêvão (Chefe do Posto), Lurdes Évora (“Moça”), Adriano Gonçalves Bana (Enfermeiro), David Leite (Miguel Alves), Arlindo Évora Lima (João Felício), Conceição Lopes (Galda), Francisco Lopes (Mocinho), Valentina da Cruz (Maria Alice, professora), Manuel Matias (Regedor), Elizabeth Matos (Joaninha), Daniel Sone Medina (Lela), Elizabeth Monteiro (Concha), Madalena Monteiro (Mulher de Shamano), Manuel de Novas (Laurentinho), Francisco Cruz Ramos (Chico), Jairson Rego (Bibinho), Albertino dos Reis (Manuelinho), Carlos Cruz Reis (Guia Nhinho), Maria da Luz Rodrigues (Xanxa), Marcelino Santos (Shamano), António Matos (Jo).

Produção: Animatógrafo, Instituto Cabo-verdiano de Cinema, RTP / **Produtores:** António da Cunha Telles, Carlos Consiglieri (Produtor Delegado) / **Direcção de produção:** Jorge Paixão da Costa, Daniel Medis / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, DCP (digitalização 4K, por imersão em janela líquida do negativo de câmara original de 35mm e do negativo de som ótico de 35mm, conservados pela Cinemateca), cor, falada em português / **Duração:** 104 minutos / **Primeira apresentação pública:** 18º Festival da Figueira da Foz, 1989 / Sem estreia comercial identificada / **Primeira exibição na Cinemateca:** 10 de Julho de 2014, Ciclo “António da Cunha Telles – Continuar a Viver / Produzidos por Cunha Telles”.

Esta sessão tem o apoio do programa EEAGrants 2020-2024.

“Agosto chegou ao fim. Setembro entrou feio, seco de águas; o sol peneirando chispas num céu cor de cinza; a luminosidade tão intensa que trespassava as montanhas, descoloria-as, fundia-as na atmosfera espessa e vibrante. Os homens espiavam, de cabeça erguida, interrogavam-se em silêncio. Com ansiedade jogavam os seus pensamentos, como pedras das fundas, para o alto. Nem um fiapo de nuvem pairava nos espaços. Não se enxergava um único sinal, desses indícios que os velhos sabem ver apontando o dedo indicador, o braço estendido para o céu, e se revelam aos homens como palavras escritas.”

Manuel Lopes in Os Flagelados do Vento Leste

“Malditos, estes anos de seca!
Mete dó, o silêncio triste da terra abandonada sob o peso do sol penetrante
Há quanto tempo não rodam as pedras dos moinhos!
Há quanto tempo não se ouve o som monótono e madrugador dos pilões cochindo...
Que é desse ruído anunciador das refeições do povo?
De dentro das casas nem fio tenuíssimo de fumo subindo.
Pobres enxadas que não servem mais, esquecidas nos cantos dos quintais, cobertas de poeiras e estrume...”

Paisagem, Jorge Barbosa

Entre 1958 e 1973, Raquel Soeiro de Brito viajou pelos vários territórios que compunham o então “império colonial” português. Estas viagens, organizadas enquanto missões oficiais encomendadas pelo Ministério da Educação Nacional, tinham como principal objetivo o estudo daqueles territórios, “conhecer o conjunto, e os interiores desse conjunto”, como revela Soeiro de Brito na entrevista *A Única Coisa Moderna, era o Cinema*. A sua motivação para este trabalho de estudo e investigação não está, de forma alguma, associada a um propósito propagandístico (como seria, podemos imaginar, o objetivo do regime), mas seria antes consequência de um profundo e sincero interesse pela ciência, a geografia, a observação e a interpretação “da relação dos homens com o lugar”.

No início da década de 60, Soeiro de Brito filma as ilhas de São Vicente e Santo Antão, no arquipélago de Cabo Verde, cenário do livro de Manuel Lopes – *Os Flagelados do Vento Leste* -, publicado também nesses anos, e que mais tarde daria origem ao homónimo filme de António Faria.

Em CABO VERDE: SÃO VINCENTE, SANTO ANTÃO, o silêncio (a ausência de uma narração em *voz-off*) e o lento movimento da câmara convidam a uma observação delongada e plácida da paisagem. Raquel Soeiro de Brito considera que as suas obras podem ser definidas enquanto *documentos* (*A Única Coisa Moderna, era o Cinema*). O espectador viaja pela paisagem guiado por uma câmara que mais não é que a extensão do próprio olho humano – que se detém (ou é detido) pela grandiosidade e o esplendor daquele espetáculo natural: as montanhas, as planícies, o mar, as tradicionais casas de pedra que se desenham na paisagem. A escolha de planos revela uma atenção particular ao retrato da paisagem e dos vários elementos naturais que a caracterizam, cenários em que se vislumbram vários membros da população que fitam a câmara com olhares curiosos. Estas imagens são captadas com uma

certa distância, por um observador externo que não se atreve a entrar e a perturbar o desenvolvimento da natureza e das dinâmicas culturais que se desenvolvem em torno a ela (numa atitude de clara observação antropológica). Ao visionar OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE, após ter visto CABO VERDE, o espectador tem a sensação de *entrar* naquele *espaço* pouco antes apresentado pelas imagens captadas por Soeiro de Brito, e de encontrar algumas das pessoas que talvez estivessem nessas imagens.

As paisagens filmadas por Raquel Soeiro de Brito, nos anos 60, assemelham-se àquelas que, em 1989, António Faria apresenta no seu filme, que se desenrola várias décadas antes, em 1940. Essa imutabilidade da natureza e, de certa forma, da cultura e da tradição (vemos a mesma tipologia de casas ao longo das várias décadas), contrasta com o carácter cíclico e transformador da vida natural, que encontra a sua máxima representação no funcionamento do ciclo da água, elemento que melhor assinala a profunda relação de dependência do ser humano da natureza e dos seus ciclos; esse será, como veremos, o tema central da longa-metragem de António Faria.

Sara Oliveira Duarte

Primeira co-produção entre Portugal e Cabo Verde, nomeadamente da Animatógrafo (António da Cunha Telles) e do Instituto Cabo-verdiano de Cinema, este é um dos primeiros filmes pós-independência do Arquipélago, que revela claramente uma vontade de estreitar relações entre ambos os países. **Os Flagelados do Vento Leste** centra-se na história de uma família de pequenos agricultores da Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, que durante a década de 40 sofreu as terríveis consequências de um período histórico de seca, com efeitos devastadores para os habitantes do Arquipélago e em particular para esta ilha tradicionalmente agrícola. Mas, como referiu o realizador, “[O tema do filme] não é a seca, mas a atitude humana face ao flagelo [...] no único lugar em Cabo Verde onde a situação podia decorrer: sendo uma ilha fértil, verde, de água abundante, o flagelo tornou-se muito mais violento e marcante. [...] Numa época em que o arquipélago era ainda uma colónia portuguesa, conhecida pelo efeito medonho do campo de concentração do Tarrafal, como pela história peculiar do seu povo e da sua luta” (entrevista durante a rodagem do filme, *O Jornal*).

Esta é de facto uma ilha de origem vulcânica atravessada por importantes ribeiras e aquela com mais recursos hídricos entre as várias do Arquipélago, não obstante a aridez associada ao seu carácter montanhoso, às chuvas escassas e irregulares, e às influências dos ventos de África. Ilha em grande parte dependente da agricultura, que as várias crises cíclicas de seca deixaram sem água para o cultivo das terras, com consequências extremamente graves para grande parte da sua população. De entre as várias crises que assolaram Santo Antão, a da década de 40 é considerada uma das mais trágicas, dados os efeitos profundos na vida dos cabo-verdianos e dos santantonenses em particular, ficando para sempre na memória pela pobreza extrema que causou, as migrações que originou, e pela elevada taxa de mortalidade directamente conotada com a fome.

Inscrevendo o filme no ano de 1942, António Faria partiu do romance homónimo escrito por Manuel Lopes quase duas décadas depois da crise. Originário da vizinha ilha de S. Vicente, Manuel Lopes viveu os trágicos acontecimentos de perto, e esta terá talvez sido a razão para

na década de 40 ter trocado Cabo Verde pelos Açores, tendo-se fixado definitivamente em Portugal Continental em 1959. Dedicando grande parte da sua obra literária a Cabo Verde, foi esse o ano em que escreveu *Os Flagelados do Vento Leste*, obra importante de um autor que, com Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa (citado em epígrafe), foi um dos fundadores da moderna literatura cabo-verdiana.

O filme retrata na perfeição os efeitos da seca sobre a população com menores recursos e as consequências do esgotamento das reservas alimentares dos pequenos agricultores que viviam nas montanhas, isolados dos centros urbanos. Mas retrata também a profunda religiosidade de uma comunidade, bem como a importância atribuída aos presságios inscritos na natureza. Uma fé inabalável que alimentava a esperança do camponês na chegada da chuva e que permitia que resistisse tenazmente às agruras da falta de água e da fome. No livro, como no filme, a personagem de José da Cruz (Carlos Alinho) é a encarnação desse camponês obstinado que resiste aos pesados anos de seca, que abalam a confiança dos seus vizinhos, e que os levam ao abandono das terras, pelo que o seu sonho inicial funciona como um presságio de um tempo de chuvas que será eternamente adiado.

Ao apostar num elenco formado por gentes locais, que confere ao filme uma adicional força documental, António Faria tira pleno partido da presença dos corpos, mas sacrifica a representação. Não assumindo um registo anti-naturalista, nem apostando no realismo da representação, acaba por ficar a meio caminho, o que prejudica a definição das personagens e dificulta a plena compreensão das suas relações. São ténues as pistas que apontam para a ligação filial entre Leandro – o pastor/ladrão das montanhas – e José da Cruz, mas é claro desde o início que os une a mesma vontade de sobrevivência numa terra inóspita. Todavia, a escassa caracterização de cada uma dessas personagens e das suas ligações encontra a sua própria motivação numa profunda miséria, que conduz ao deslaçar das relações.

Face a tantas vidas esmagadas pela inclemência natureza e por uma terra que se lhes recusa, o que sobressai é a magnificência da paisagem, com toda a sua força telúrica. Mas, ao contrário de outros filmes que culminam na transformação do homem face à imponente da "paisagem" (pensamos em **Stromboli**), aqui não há milagre, nem possibilidade de redenção, apenas a constatação de que em circunstâncias em que se testam os limites da própria humanidade, toda a resistência parece ser em vão.

Joana Ascensão